

EDUCAÇÃO: Estudo da FGV mostra que de cada dez universitários de cursos gratuitos, sete são de classes média ou média alta

Das escolas particulares para a universidade pública

Professor sugere que Governo passe a cobrar dos universitários que podem pagar e invista esse dinheiro no ensino básico

Cristina Alves e Patrícia Faria

• De cada dez estudantes que ingressam hoje nas universidades públicas, sete são oriundos de famílias de classe média e de classe média alta que cursaram escolas particulares. A conclusão é de um estudo intitulado "Quem chega às universidades gratuitas? Ricos ou pobres?", do professor Ib Teixeira, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que acaba de ser publicado na revista "Conjuntura Econômica".

Pelos números do professor, 70,30% dos aprovados no último vestibular da UFRJ vieram das melhores escolas particulares do Rio. Encabeçam a lista os colégios São Bento, Santo Agostinho, Teresiano, Santo Inácio, nessa ordem. São os que têm maior índice de aprovação nos vestibulares para universidades públicas e gratuitas.

A situação é ainda mais crítica onde a relação candidato/vaga é mais apertada. Em medicina, por exemplo, de cada dez aprovados na UFRJ no último vestibular, apenas um estudou em escola pública. O levantamento do professor IB Teixeira mostra que 11,46% vêm de escolas públicas e 88,54% de instituições particulares.

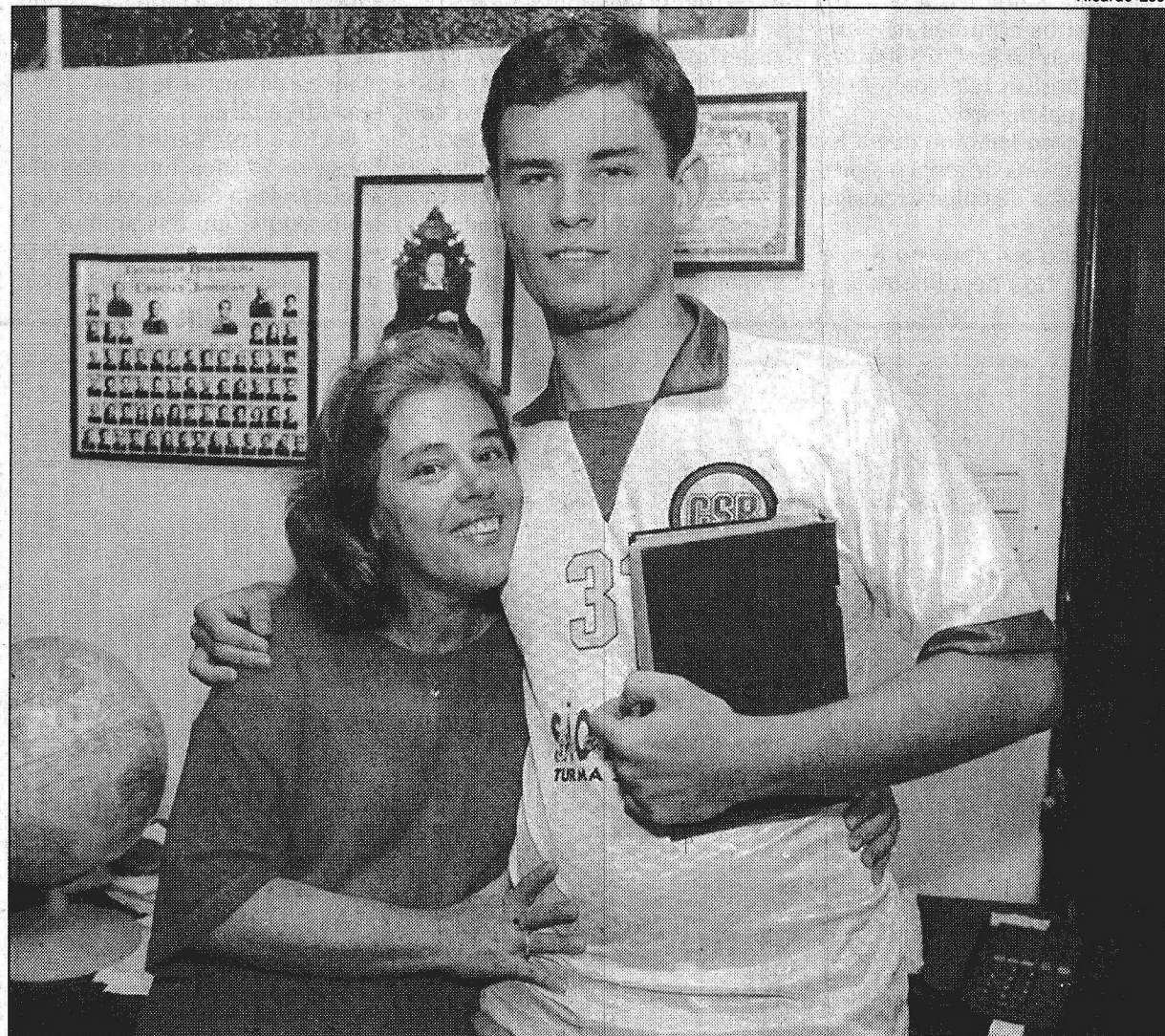
No caso das faculdades de odontologia, o número é muito parecido: 13,75% contra 86,25%. No curso de direito, a proporção é de 26, 67% (públicas) para 73,33% (particulares).

Pais gastam até US\$ 100 mil com filhos em escolas privadas

O professor Ib Teixeira explica que um pai da classe média ou da classe média alta investe o equivalente a US\$ 90,5 mil pagando mensalidades de um filho que curse em escolas particulares o Primeiro e o Segundo Graus. Depois, esse dinheiro acaba sendo "devolvido" porque a família não tem que pagar universidade pública. No São Bento, segundo Teixeira, o custo poderia chegar a US\$ 100 mil durante a vida escolar de um filho.

— O fenômeno que acontece com a União também se repete nos estados. As verbas para universidades estaduais também consomem grande parte dos recursos destinados à educação — afirma o professor.

No ranking das cem institui-



JOSÉ VICENTE, com a mãe, Dilceni: dificuldade para pagar escola particular será compensada na universidade pública

ções mais bem colocadas no vestibular da UFRJ em 1996, por exemplo, o Colégio São Bento aparece com 72 candidatos e 57 classificados, com índice de aprovação de 79,17%. Em segundo lugar, aparece o Santo Agostinho, com 213 candidatos e 130 aprovados (61,03%). Em sétimo lugar no ranking, aparece pela primeira vez uma escola pública: o Colégio Aplicação da UFRJ, que de 78 candidatos conseguiu emplacar a aprovação de 42, atingindo um índice de 53,85% de aprovação no último vestibular. Logo a seguir, aparece o CAP da UERJ, com um índice de aprovação de seus alunos de 49,51%.

Ib Teixeira faz uma simulação levando em conta um aluno que tenha estudado sempre no São Bento, levando sua família a dispendir US\$ 100 mil com sua educação. Este valor seria aproximadamente o mesmo que essa família pagaria pela educação de um filho se morasse nos EUA e deci-

disse dar a ele o estudo numa escola privada.

Só no último ano antes de o filho ingressar na universidade, os pais teriam gastado US\$ 5.784 (considerando uma mensalidade média de US\$ 482).

— Imagine se, de uma hora para outra, esse aluno passasse para o campus do Fundão. A família ficaria livre dessa despesa. Se, no entanto, fosse para o curso de uma escola particular de medicina, como a da Souza Marques, o pai gastaria, ao longo de seis anos, US\$ 52.560, ou seja, praticamente a metade de tudo o que gastou com o filho numa vida inteira — exemplifica Teixeira, tomando por base o valor da mensalidade da faculdade privada de US\$ 730.

— Esses US\$ 52 mil são o valor da subvenção dada pela universidade pública e gratuita pelo Estado a essa família — resume.

Na sua opinião, o Brasil deveria seguir o exemplo do Chile e fazer

com que os aprovados nas universidades públicas federais tivessem que apresentar a declaração de renda dos pais. Se tivessem condição financeira, deveriam pagar pelos anos que passariam naquela instituição. Para os mais pobres, a universidade pública seria gratuita. Com o dinheiro arrecadado de famílias mais abastadas, o Governo poderia investir no ensino básico, reduzindo o número de analfabetos, que chega, segundo cálculos do professor, a 20 milhões no país.

Ao longo de nove anos, a família Santos de Mendonça fez um investimento de risco e a longo prazo. Todo mês, como se fosse uma poupança, Dilceni e Vicente, um casal de classe média baixa — ela funcionária pública e ele bancário — depositavam uma quantia de cerca de cinco salários-mínimos na escola do filho, uma das melhores do Rio, e que há pelo menos dez anos figura no primeiro lugar no ranking dos colégios

que mais aprovam nas principais universidades públicas: o tradicional Colégio São Bento.

O resultado do investimento foi o melhor possível, o filho José Vicente Santos de Mendonça, de 18 anos, colheu os frutos e todo o sacrifício da família foi compensado: ele passou este ano para o curso de direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o maior vestibular isolado do país. No meio de uma multidão de 50 mil candidatos passou em sexto lugar para o curso de direito e ano passado venceu o concurso "Jovem Embaixador" promovido pelo GLOBO. Agora, a família que investiu na educação de José Vicente poderá respirar um pouco mais aliviada, já que não terá de pagar mensalidade até que o filho se forme, ou seja, nos próximos cinco anos.

Para isso, muitos sacrifícios foram feitos. Dilceni, que trabalha como assistente legislativo na Câmara Municipal, não sabe qual foi

a última vez que comprou uma roupa nova. Cabeleireiro? Ela não vai há outros tantos anos. O alívio de ver o filho passar para uma universidade pública compensou o aperto nas contas da família.

Nos planos de Dilceni estão a — Se dependesse da nossa condição financeira José Vicente teria estudado numa escola pública. Toda a nossa vida foi dirigida para dar uma boa educação ao nosso filho. E é claro que a compensação vem na hora em que a gente sabe que ele passou para uma ótima universidade e que é pública — disse Dilceni.

Quando o dinheiro começou a ficar curto — ela recebe pouco mais de R\$ 1 mil por mês — Dilceni não teve vergonha e pediu ajuda ao colégio para que o filho continuasse no São Bento. José Vicente, se diz recompensado:

— Eu me sinto muito feliz. Afinal, estou dando uma resposta a todo o sacrifício que eles fizeram por mim — afirmou. ■

MELHORES COLÉGIOS PÚBLICOS NO VESTIBULAR DA UFRJ/ 96

Colégios	Presentes	Classificados
1. CAP UFRJ*	78	42
2. CAP UERJ*	103	51
3. Colégio Naval	13	5
4. Col. Militar do RJ	193	71
5. Esc. Téc. Fed. de Quím.	197	76
6. C. E. Teodorico da Fonseca	7	3
7. Esc. Téc. Fed. de Campos	55	15
8. Olavo Bilac	13	3
9. CEFET	234	47
10. C. E. Roberto Montenegro	14	1

MELHORES COLÉGIOS PARTICULARES NO VESTIBULAR DA UFRJ/ 96

Colégios	Presentes	Classificados
1. São Bento	72	57
2. Santo Agostinho	213	130
3. Teresiano	67	40
4. Santo Inácio	194	111
5. Cruzeiro	40	23
6. Modelar Cambaúba	32	19
7. Corcovado	46	21
8. Pentágono	301	132
9. Inst. Bras. Eliezer Steiberg	15	6
10. Inst. de Tec. "ORT"	45	17

FONTE: Comissão de Avaliação da UFRJ e Conjuntura Econômica.